

"Uma história maravilhosa de resistência em uma cultura que não valoriza as mulheres.  
A escrita de Nadia Hashimi evoca a de Khaled Hosseini." – *Book Reporter*

# A PÉROLA QUE ROMPEU A CONCHA



NADIA HASHIMI



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para minha preciosa filha, Zayla.*

*Para nossas preciosas filhas.*

“A água do mar implora à pérola  
Que rompa a sua concha.”

Do maravilhoso poema “Algum beijo que desejamos”,  
de Jalal ad-Din Muhammad Rumi,  
poeta persa do século XIII

## CAPÍTULO 1

# *Rahima*

**S**HAHLA ESTAVA À PORTA DE NOSSA CASA, o metal verde e brilhante enferrujando nas bordas. Ela esticou o pescoço. Parwin e eu viramos a esquina e vimos o alívio em seus olhos. Nós não podíamos nos atrasar outra vez.

Parwin olhou para mim e aceleramos o passo. Andamos o mais rápido possível sem chegar a correr, para não chamar atenção indesejada. As solas de borracha batiam no chão e levantavam nuvens de poeira. A barra das saias batia nos tornozelos. Meu lenço de cabeça grudava na testa suada. Imaginei que o de Parwin também, já que ainda não tinha sido levado pelo vento.

Malditos garotos. Era culpa deles! Com sorrisos desavergonhados e calças esfarrapadas. Não era a primeira vez que nos faziam chegar atrasadas.

Atravessamos as portas correndo: azul, roxa, vinho. Pontos de cor em uma tela de barro.

Shahla acenou para que nos apressássemos.

– Rápido! – sibilava ela freneticamente.

Arfando, nós a seguimos pela porta da frente. O metal bateu contra o batente.

– Parwin! Por que você fez isso?

– Desculpe, desculpe! Não pensei que fosse fazer tanto barulho.

Shahla revirou os olhos, assim como eu: Parwin sempre deixava a porta bater.

– Por que demoraram tanto? Vocês não pegaram a rua por trás da padaria?

– Nós não podíamos, Shahla! Era lá que ele estava!

Tínhamos tomado o caminho mais longo, contornando o mercado para evitar a padaria que os meninos rondavam, ombros arqueados e olhos atentos, explorando a selva cáqui que era nossa aldeia.

Além de partidas de futebol de rua, esse era o principal esporte para os garotos em idade escolar: ficar vigiando as meninas. Eles se juntavam e esperavam que saíssemos das salas de aula. Fora da escola, um dos garotos saía em disparada em meio aos carros e pedestres para seguir a menina que tivesse chamado sua atenção. Segui-la era uma forma de demonstrar que ela lhe pertencia: *Essa garota é minha e só há lugar para um perseguidor aqui*. Naquele dia, minha irmã Shahla, de 12 anos, fora o ímã.

Os meninos pensavam que era algo lisonjeiro. As meninas, porém, ficavam aterrorizadas, pois as pessoas adorariam presumir que elas procuraram ser notadas. A verdade é que não havia muitas formas de os meninos se divertirem.

– Shahla, onde está Rohila? – sussurrei.

Meu coração palpitava enquanto andávamos na ponta dos pés até os fundos da casa.

– Ela foi levar comida à casa dos vizinhos. Madar-jan cozinhou berinjelas para eles. Acho que alguém morreu.

Morreu? Senti um aperto no estômago e voltei a me concentrar em seguir os passos de Shahla.

– Onde está Madar-jan? – indagou Parwin num sussurro nervoso.

– Ela está pondo o bebê para dormir – respondeu Shahla, virando-se para nós. – Então é melhor vocês não fazerem muito barulho ou ela vai saber que só chegaram em casa agora.

Parwin e eu congelamos. A expressão de Shahla mudou quando ela viu nossos olhos arregalados. Nossa irmã se virou e deu de cara com Madar-jan de pé bem atrás dela; ela havia saído pela porta dos fundos e estava parada no pequeno pátio pavimentado nos fundos.

– Sua mãe sabe muito bem quando vocês chegaram em casa, e também está bem ciente do tipo de exemplo que sua irmã mais velha está dando a vocês.

Seus braços estavam cruzados com força.

Shahla baixou a cabeça, envergonhada. Parwin e eu tentamos evitar o olhar furioso de Madar-jan.

– Onde vocês estavam?

Como eu gostaria de lhe dizer a verdade!

Um garoto afortunado o bastante para possuir uma bicicleta seguira Shahla, passara por nós e, em seguida, ficara nos rodeando. Shahla não prestou atenção nele. Quando sussurrei que ele a olhava, ela me mandou ficar calada, como se o simples fato de eu falar tornasse aquilo real. Na terceira vez que passou, ele chegou perto demais.

Deu uma volta à nossa frente e retornou em nossa direção. Avançou pela rua de terra, desacelerando quando se aproximou. Shahla continuou a desviar o olhar e tentou parecer zangada.

– Parwin, cuidado!

Antes que eu pudesse tirá-la do caminho, a roda dianteira do nosso perseguidor passou por cima de uma lata de metal jogada na rua, desestabilizando-o, e ele deu uma guinada para não atropelar um vira-lata. A bicicleta veio direto para cima de nós. As sobancelhas dele estavam erguidas e a boca aberta enquanto ele lutava para recuperar o equilíbrio. Ele trombou com Parwin antes de cair sobre os degraus na frente de um armazém.

– Ah, meu Deus! – exclamou Parwin, a voz alta e atordoada. – Olhem só para ele! Levou um tombo daqueles!

– Acha que ele se machucou? – perguntou Shahla.

Ela pressionava a mão sobre a boca, como se nunca tivesse visto uma cena tão trágica.

– Parwin, sua saia!

Meus olhos se desviaram do rosto preocupado de Shahla para a bainha rasgada da saia de Parwin. A roda dentada da bicicleta havia rasgado o vestido dela.

Era o seu uniforme novo e, no mesmo instante, Parwin começou a chorar. Sabíamos que, se Madar-jan contasse a nosso pai, ele nos manteria em casa em vez de nos mandar para a escola. Isso já acontecera antes.

– Por que vocês ficam caladas quando eu pergunto alguma coisa? – questionou Madar-jan. – Não vão se explicar? Chegam tarde e com a aparência de que estavam correndo atrás de cachorros no meio da rua!

Shahla já havia falado em nosso nome diversas vezes e parecia exasperada. Parwin estava uma pilha de nervos, como sempre, e não conseguia

fazer nada além de se remexer. Ouvi minha voz antes de me dar conta do que estava dizendo:

– Madar-jan, não foi nossa culpa! Havia um menino em uma bicicleta e nós o ignoramos, mas ele continuou vindo na nossa direção e eu até gritei com ele. Disse que ele era um idiota se não sabia o caminho para a própria casa.

Parwin soltou uma risadinha inadvertida. Madar-jan lançou um olhar zangado para ela.

– Ele se aproximou de vocês? – perguntou, virando-se para Shahla.

– Não, Madar-jan. Quer dizer, ele estava poucos metros atrás de nós, mas não disse nada.

Madar-jan suspirou e levou as mãos às têmporas.

– Tudo bem. Entrem e vão fazer suas tarefas de casa. Vamos ver o que seu pai tem a dizer sobre isso.

– Você vai contar a ele?! – gritei.

– Claro que sim – respondeu Madar-jan, dando um tapa em minhas costas quando passei por ela e entrei em casa. – Não temos o hábito de esconder nada de seu pai!

Nós sussurramos sobre o que Padar-jan falaria quando voltasse para casa enquanto enfiávamos os lápis em nossos cadernos. Parwin tinha algumas ideias.

– Acho que deveríamos dizer a Padar que nossas professoras já sabem desses garotos e que eles já foram repreendidos e não vão mais nos incomodar – sugeriu, ansiosa.

– Parwin, isso não vai funcionar. O que você vai dizer quando Madar perguntar a Khanum Behduri a respeito?

Shahla, a voz da razão.

– Bem, então poderíamos dizer a ele que o garoto se mostrou arrependido e prometeu não nos incomodar de novo. Ou que vamos encontrar outro caminho para chegar à escola.

– Tudo bem, Parwin. Você diz isso a ele. Já estou cansada de falar por vocês.

– Parwin não vai dizer nada. Ela só fala quando ninguém está ouvindo – repliquei.

– Muito engraçado, Rahima. Você se acha muito corajosa, não é? Vamos ver como você é corajosa quando Padar-jan chegar em casa – retrucou Parwin, amuada.



De fato, aos 9 anos, não fui muito valente quando chegou a hora de enfrentar Padar-jan. Contive meus pensamentos atrás dos lábios cerrados. No fim das contas, Padar-jan decidiu nos tirar da escola outra vez.

Pedimos e imploramos a Padar-jan que nos deixasse voltar. Uma das professoras de Parwin, amiga de infância de Madar-jan, foi até nossa casa e tentou convencer nossos pais. Padar-jan já havia cedido no passado, mas dessa vez foi diferente. Ele queria que frequentássemos a escola, mas não sabia como fazer isso em segurança. O que as pessoas diriam se suas filhas fossem perseguidas por garotos na frente de todo mundo? Seria terrível.

– Se eu tivesse um filho, isso não estaria acontecendo! – exclamava ele. – Maldição! Por que temos uma casa cheia de meninas? Não uma, não duas... mas cinco!

Madar-jan procurava se ocupar com as tarefas domésticas, sentindo o peso da decepção em seus ombros.

O humor do meu pai andava pior nos últimos tempos. Madar-jan nos mandava falar baixo e sermos respeitadas. Ela nos contou que muitas coisas ruins haviam acontecido a Padar-jan e que isso o tornara um homem raivoso. Disse também que, se nos comportássemos, em pouco tempo ele voltaria a ser como sempre fora. Contudo, ficava cada vez mais difícil nos lembrarmos de uma época em que Padar-jan não estivesse zangado e berrando.

Agora que permanecíamos em casa, recebi a tarefa extra de buscar mantimentos no armazém. Minhas irmãs mais velhas perderam a liberdade, pois chamavam atenção. Até aquele momento, eu era invisível para os meninos e não representava nenhum risco.

A cada dois dias, Madar-jan me entregava algumas notas, que eu guardava no bolsinho que ela havia costurado dentro do bolso do meu vestido para que eu não tivesse desculpa para perdê-las. Eu serpenteava pelas ruas estreitas e caminhava trinta minutos até chegar ao mercado, que eu amava. As lojas estavam sempre movimentadas, cheias de atividade.

As mulheres pareciam diferentes agora em relação a alguns anos antes. Algumas usavam longas burcas azuis, outras vestiam saias compridas e lenços de cabeça recatados. Todos os homens se trajavam como meu pai, com túnicas longas e calças largas, de cores tão monótonas quanto a nossa paisagem. Os meninos usavam pequenos chapéus ornamentados com espelinhos redondos e arabescos dourados.

Quando eu chegava ao mercado, meus sapatos estavam novamente sujos e eu utilizava meu lenço de cabeça para me proteger das nuvens de poeira que as centenas de carros deixavam em seu rastro. Era como se a paisagem cáqui estivesse se dissolvendo no ar de nossa aldeia.

Duas semanas depois de nosso afastamento da escola, os donos das lojas já me conheciam. Não havia muitas meninas de 9 anos andando de uma loja para outra com desenvoltura. E, como observara meus pais pechinchar, achei que poderia fazer o mesmo. Discuti com o padeiro, que tentou me cobrar o dobro do que minha mãe já pagara. Briguei com o dono do armazém, que tentou me convencer de que a farinha que eu queria era importada e, portanto, sujeita a uma sobretaxa. Aleguei que poderia facilmente comprar a mesma coisa de Agha Mirwais, logo adiante, e caçoei do preço que ele pedia. O homem trincou os dentes e colocou a farinha na sacola com os outros mantimentos, murmurando palavras que nenhuma criança deveria ouvir.

Madar-jan ficou satisfeita por eu ajudar com as compras. Ela já estava ocupada o suficiente com Sitara, que dava os primeiros passos. Minha mãe mandava Parwin cuidar da caçula enquanto ela e Shahla se encarregavam das tarefas domésticas: varrer, espanar e preparar o jantar. À tarde, Madar-jan nos levava a sentar com os livros e cadernos e fazer o dever de casa que ela nos havia designado.

Para Shahla, os dias eram solitários e difíceis. Ela ansiava por ver os amigos e conversar com as professoras. Seus pontos fortes eram a intuição e a inteligência. Ela não era uma das melhores da turma, porém costumava cativar as mestras o suficiente para ser incluída na curta lista das alunas que se destacavam. Tinha uma beleza comum, mas se empenhava em cuidar da aparência. Passava pelo menos cinco minutos escovando os cabelos todas as noites, já que alguém lhe dissera que isso alongava os fios. O rosto de Shahla era considerado “agradável”, nem bonito, nem inesquecível. Contudo, sua personalidade a fazia brilhar. As pessoas olhavam para ela e não conseguiam deixar de sorrir. Educada e correta, era uma das favoritas na escola. Sua maneira de olhar fazia os outros se sentirem importantes. Diante da família e de amigos, Shahla deixava Madar-jan orgulhosa, pois falava com maturidade e perguntava sobre cada parente.

– Como está Farzana-jan? Faz tanto tempo que não a vejo! Por favor, diga que perguntei por ela.

As avós assentiam em aprovação, elogiando Madar-jan por ter criado uma garota tão respeitável.

Já Parwin era outra história: ela era linda. Seus olhos não exibiam o castanho cor de lama das demais irmãs, mas ostentavam uma mistura de cinza com avelã que fazia as pessoas esquecerem o que pretendiam dizer. Os cabelos caíam ao redor do rosto em mechas onduladas, com um brilho natural. Ela era inegavelmente a menina mais bonita de toda a família.

Porém, não tinha nenhum traquejo social. Quando as amigas de Madar-jan iam à nossa casa, Parwin se encolhia em um canto, ocupando-se em dobrar e desdobrar uma toalha de mesa. Se conseguisse escapar antes que as visitas chegassem à sala, melhor ainda. Nada lhe trazia maior alívio do que evitar o tradicional cumprimento de três beijos. Suas respostas eram sempre curtas e ela nunca tirava os olhos da rota de fuga mais próxima.

– Parwin, por favor, Khala Lailoma está lhe fazendo uma pergunta! Pode, por favor, se virar? As plantas não precisam ser regadas neste exato momento!

O que faltava a Parwin em sociabilidade, ela mais do que compensava em talento artístico. Dominava o lápis e o papel com maestria. Em suas mãos, o grafite se transformava em energia visual. Rostos enrugados, um cão ferido, uma casa danificada demais para ser reparada. Parwin tinha um dom, a capacidade de mostrar o que outras pessoas não viam, mesmo que olhassem para as mesmas coisas. Era capaz de esboçar uma obra-prima em poucos minutos, mas levava horas para lavar os pratos.

– Parwin é de outro mundo – dizia Madar-jan. – Ela é um tipo diferente de garota.

– E de que isso vai lhe adiantar? Ela vai ter que sobreviver e trilhar seu caminho neste mundo – retorquia Padar-jan, embora amasse os desenhos da filha e guardasse uma pilha deles ao lado da cama para folhear de vez em quando.

O outro problema com Parwin era que tinha nascido com uma má formação no quadril. Disseram a Madar-jan que isso acontecera porque ela ficou mais tempo do que devia deitada de lado durante a gravidez. Quando Parwin começou a engatinhar, ficou claro que havia algo errado. Ela levou muito mais tempo para aprender a andar e nunca deixou de mancar. Padar-jan a levou a um médico quando ela estava com 5 ou 6 anos, mas soube que já era tarde demais.

E então havia eu. Não me importei tanto com o afastamento da escola quanto minhas irmãs. Acho que foi porque isso me deu a oportunidade de me aventurar sozinha pelas ruas sem que Shahla ou Parwin me repreendessem ou insistissem que eu lhes desse a mão na hora de atravessar a rua. Enfim eu tinha liberdade – até mais do que minhas irmãs!

Madar-jan precisava de ajuda com as pequenas tarefas externas e, nos últimos tempos, era impossível contar com o marido para o que quer que fosse. Ela lhe pedia que comprasse alguns itens no mercado no caminho de volta para casa e ele sempre se esquecia, depois brigava com ela porque a despensa estava vazia. Por outro lado, se ela ia ao bazar sozinha, ele ficava ainda mais zangado. De vez em quando, Madar-jan pedia aos vizinhos que lhe comprassem um ou dois itens, mas evitava fazer isso com muita frequência, ciente de que todos já comentavam sobre o modo peculiar de Madar-jan caminhar de um lado para outro por nossa pequena rua, gesticulando descontroladamente enquanto explicava alguma coisa aos passarinhos. Minhas irmãs e eu também nos intrigávamos com esse comportamento, mas nossa mãe disse que ele precisava tomar um remédio especial, por isso às vezes agia de maneira estranha.

Em casa, eu não podia deixar de falar sobre minhas aventuras no mundo exterior. Isso incomodava mais Shahla do que Parwin, que ficava satisfeita com lápis e papel.

– Acho que amanhã vou comprar grão-de-bico torrado no mercado. Tenho algumas moedas. Se quiser, posso trazer um pouco para você, Shahla.

Shahla suspirou e apoiou Sitara no outro quadril. Parecia uma jovem mãe exasperada.

– Esqueça. Não quero. Apenas vá e termine suas tarefas, Rahima. Tenho certeza de que você fica apenas vadiando por aí. Sem pressa nenhuma de voltar para casa, aposto.

– Eu não fico *vadiando*. Saio e faço as coisas que Madar-jan me *manda* fazer. Mas não importa... Até mais tarde.

Não queria provocar inveja em minhas irmãs. Na verdade, queria celebrar meus novos privilégios de ir e vir, de perambular pelas lojas sem supervisão. Se eu tivesse um pouco mais de tato, teria encontrado outra maneira de me expressar. Mas minha língua grande chamou a atenção de Khala Shaima. Talvez houvesse um propósito maior em minha falta de sensibilidade.

Khala Shaima era a irmã mais velha da minha mãe. Madar-jan era mais próxima dela do que de qualquer outro membro da família e nós a víamos com frequência. Se não tivéssemos crescido próximas dela, provavelmente ficaríamos assustadas com sua aparência. Nossa tia nascera com um desvio na coluna, que ondulava por suas costas como uma cobra. Embora nossos avós tivessem esperança de encontrar um pretendente antes que seu problema se tornasse óbvio demais, ela foi recusada muitas e muitas vezes. As famílias iam perguntar sobre minha mãe ou Khala Zeba, a caçula, mas ninguém queria Khala Shaima, com suas costas encurvadas e um dos ombros proeminente.

Bem cedo ela compreendeu que não iria despertar o interesse de ninguém e decidiu não se preocupar mais com a aparência. Deixou as sobrancelhas se unirem, não arrancava os pelos que cresciam no queixo e vestia as mesmas roupas sem graça dia após dia.

Então concentrou as energias nos sobrinhos e em cuidar de meus avós à medida que envelheciam. Khala Shaima supervisionava tudo: se estávamos nos saindo de maneira satisfatória na escola, se tínhamos roupas adequadas para o inverno, se nossos cabelos não estavam infestados de piolhos. Ela nos trazia esperança quando nossos pais não eram capazes de fazer determinada coisa por nós e era uma das poucas pessoas que suportavam ficar perto de Padar-jan.

Mas era preciso conhecer bem Khala Shaima para *entendê-la*. Quero dizer *realmente* entendê-la. Se não soubessem que ela tinha as melhores intenções, as pessoas poderiam ficar incomodadas com sua conversa pouco cordial, com suas críticas ferinas e a desconfiança em seus olhos semicerrados enquanto escutava. Porém, se soubessem como estranhos e familiares falaram com ela durante toda a vida, não ficariam surpresas.

Ela era bondosa comigo e minhas irmãs e sempre chegava com os bolsos cheios de doces. Padar-jan comentava, com sarcasmo, que os bolsos eram a única coisa doce em Khala Shaima. Minhas irmãs e eu fingíamos ter paciência enquanto esperávamos pelo ruído da embalagem dos chocolates. Ela costumava chegar na hora em que eu acabava de voltar do mercado, bem a tempo de receber meu quinhão.

– Shaima, pelo amor de Deus, você está estragando essas meninas! Onde consegue comprar chocolates como esses hoje em dia? Não devem ser baratos!

– Não tente parar um burro que não lhe pertence – disparava ela.

Essa era outra particularidade de Khala Shaima: todo mundo usava antigos provérbios afegãos, mas nossa tia praticamente não falava sem lançar mão de um. Isso fazia com que as conversas com ela fossem tão tortuosas quanto sua coluna.

– Não se meta, e vamos deixar as meninas retomarem o dever de casa.

– Nós já terminamos, Khala Shaima-jan – disse Shahla. – Trabalhamos nele a manhã inteira.

– A manhã inteira? Não foram à escola hoje?

Shaima franziu a testa.

– Não, Khala Shaima. Nós não vamos mais à escola – respondeu Shahla, desviando o olhar, pois sabia muito bem que estava jogando Madar-jan na fogueira.

– Como assim? Raisa! Por que as meninas não estão na escola?

Relutante, Madar-jan levantou a cabeça, deixando de fitar o bule.

– Nós precisamos tirá-las outra vez.

– Pelo amor de Deus, que desculpa ridícula arrumaram desta vez para não permitir que estudem? Um cachorro latiu para elas na rua?

– Não, Shaima. Você acha que eu prefiro que elas não vão à escola? O problema é que estão se metendo em confusão na rua. Você sabe como são os meninos. E, bem, o pai delas não fica nada satisfeito com a ideia de que virem alvo de brincadeiras. Eu não o culpo, na verdade. Você sabe, faz apenas um ano que meninas podem andar na rua. Talvez seja cedo demais.

– Cedo demais? É tarde demais! Elas deveriam ter ido à escola todo esse tempo, mas não puderam. Imagine quanto devem estar atrasadas e, logo agora que podem recuperar o prejuízo, vão mantê-las em casa para esfregar o chão? Sempre vai haver idiotas na rua dizendo todo tipo de besteira e lançando todo tipo de olhar. Pode acreditar. Se mantiverem as garotas em casa por causa disso, então não serão melhores do que os talibãs que fecharam a escola.

Shahla e Parwin se entreolharam.

– Então o que devo fazer? O primo de Arif, Hasib, disse a ele...

– Hasib? Aquele idiota mais estúpido do que um tanque de guerra russo? Está tomando decisões relativas a suas filhas com base em algo que Hasib disse? Irmã, eu esperava mais de você.

Madar-jan bufou de frustração e esfregou as têmporas.

– Então fique aqui até Arif chegar em casa e diga a ele o que acha que devemos fazer!

– E por acaso eu disse que estava indo embora? – retrucou Khala Shaima com frieza.

Ela colocou uma almofada atrás de suas costas irregulares e se apoiou na parede. Nós nos preparamos: Padar-jan odiava lidar com as intrusões de Khala Shaima e era tão franco quanto ela a esse respeito.

– VOCÊ É UM IDIOTA SE ACHA QUE É MELHOR essas garotas apodrecerem nesta casa em vez de aprenderem alguma coisa na escola.

– Você nunca foi à escola e veja como se deu bem – retrucou Padar-jan em tom jocoso.

– Eu tenho muito mais bom senso do que você, engenheiro-sahib.

Um golpe baixo. Padar-jan quis entrar para a faculdade de engenharia quando terminou a escola, mas suas notas não foram suficientes, então ele cursou algumas matérias gerais durante um semestre e, em seguida, abandonou os estudos para começar a trabalhar. Agora ele possuía uma oficina onde consertava aparelhos eletrônicos antigos e, embora fosse muito bom no que fazia, ainda se amargurava por não ter conseguido se tornar engenheiro, um título muito respeitado entre os afegãos.

– Maldita seja, Shaima! Saia da minha casa! Elas são minhas filhas e não preciso que uma aleijada me diga o que devo fazer com elas!

– Pois esta aleijada tem uma ideia que pode resolver seu problema: permitir que você mantenha seu precioso orgulho enquanto as meninas voltam para a escola.

– Esqueça. Apenas saia para eu não ter mais que olhar para a sua cara. Raisal, onde diabos está a minha comida?

– Qual é a sua ideia, Shaima? – intrometeu-se Madar-jan, ansiosa para ouvir o que nossa tia tinha a dizer.

No fundo, respeitava a irmã mais velha. Na maioria das vezes, Shaima estava certa. Minha mãe se apressou em fazer um prato de comida e o levou para Padar-jan, que agora fitava a janela com o olhar perdido.

– Raisal, você não se lembra da história que nossa avó nos contava? Não se lembra de Bibi Shekiba?

– Ah, sim! Mas como isso pode ajudar as meninas?

– Ela se tornou o que sua família precisava. Ela se tornou o que o rei precisava.

– O rei – zombou Padar-jan. – Suas histórias ficam mais malucas a cada vez que você abre essa sua boca horrorosa.

Khala Shaima ignorou o comentário; já ouvira outros muito piores.

– Você realmente acha que isso funcionaria para nós também?

– As meninas precisam de um irmão.

Madar-jan desviou o olhar e deu um suspiro de desapontamento. Sua incapacidade de gerar um menino era uma questão dolorosa desde o nascimento de Shahla. Ela não havia imaginado que esse fato seria trazido à tona novamente naquela noite e evitou o olhar do marido.

– Foi isso que você veio me dizer? Que precisamos de um filho? Acha que eu não sei disso? Se sua irmã fosse uma esposa melhor, talvez eu tivesse um!

– Pare de falar besteiras e me deixe terminar.

Mas ela não terminou. Apenas começou. Naquela noite, Khala Shaima começou a nos contar a história de minha trisavó, Shekiba, uma história que minhas irmãs e eu nunca tínhamos ouvido. Uma história que me transformou.



## CAPÍTULO 2

# Shekiba

**S**HEKIBA.  
*Seu nome significa “presente”, minha filha. Você é verdadeiramente um presente de Alá.*

Quem poderia imaginar que Shekiba se tornaria o nome que lhe fora dado, um presente passado de mão em mão? Shekiba nascera na virada do século XX, em um Afeganistão cobiçado lascivamente pela Rússia e pela Grã-Bretanha. Os dois países se alternavam na promessa de proteger as fronteiras que tinham acabado de invadir, como um pedófilo que professa amor por sua vítima.

Os limites entre o Afeganistão e a Índia eram traçados e retraçados de tempos em tempos, como se só estivessem riscados a lápis. As pessoas pertenciam a um país e em seguida ao outro, as nacionalidades mudando ao sabor do vento. Para a Grã-Bretanha e a União Soviética, o Afeganistão era o campo onde se desenrolava seu “Grande Jogo”, a disputa de poder pelo controle da Ásia Central. Mas a disputa aos poucos chegava ao fim, os afegãos resistindo com ferocidade ao controle externo, os peitos se inflando de orgulho quando falavam sobre a própria resiliência.

Contudo, regiões do Afeganistão foram tomadas – pouco a pouco, até suas fronteiras encolherem como um suéter de lã deixado na chuva. Áreas ao norte, como Samarcanda e Bucara, haviam sido perdidas para o Império Russo. Algumas partes do sul foram conquistadas, o fronte ocidental empurrado com o passar dos anos.

Sob esse aspecto, Shekiba era o Afeganistão. Começando na infância, a tragédia e a maldade a dilapidaram aos poucos, até que ela se tornou apenas um fragmento da pessoa que deveria ter sido. Se ao menos fosse mais bonita, se fosse agradável aos olhos, talvez o pai pudesse ter nutrido a esperança de lhe arranjar um casamento apropriado quando chegasse a hora. Talvez as pessoas tivessem olhado para ela com um pouco de bondade.

Mas a aldeia de Shekiba era impiedosa. Para chegar a Cabul, fazia-se necessário cavalgar por uma semana, cruzando um rio e três montanhas. A maioria das pessoas passava a vida inteira lá, nos campos verdes rodeados por montanhas, caminhando pelas estradas de terra que ligavam um conjunto de casas a outro. A aldeia ficava em um vale, a terra escura alimentada pelo rio próximo e os picos montanhosos altos dando uma sensação de isolamento e privacidade. Havia algumas dezenas de clãs, famílias inteiras que se conheciam fazia gerações. A maioria dos habitantes tinha algum tipo de parentesco entre si e a maledicência era uma forma de se manterem ocupados.

Os pais de Shekiba eram primos em segundo grau; seu casamento fora arranjado pela avó paterna de Shekiba. Sua família, como muitas outras, vivia da terra, e cada geração a repartia para que as pessoas tivessem um lugar onde construir uma residência, caso decidissem deixar a moradia principal do clã. O pai de Shekiba, Ismail Bardari, era o mais novo de seu núcleo. Os irmãos mais velhos se casaram antes dele e ocuparam o local com suas esposas e seus filhos.

Ao concluir que não havia espaço para ele e a noiva, Shafiq, Ismail pegou suas ferramentas e começou a trabalhar. Mas ele teve sorte, pois o pai lhe deu um lote com uma terra tão fértil que sua parcela de colheita estaria sempre garantida. Ele era o mais trabalhador e o pai queria garantir que o potencial da terra fosse concretizado. Havia muitas bocas famintas para alimentar e uma boa colheita poderia trazer renda extra da aldeia. Ao contrário dos irmãos, Ismail tinha um dom, tinha instintos: sabia qual era a temperatura certa para plantar, a frequência com que se devia lavrar o solo e a quantidade perfeita de água para fazer as plantas crescerem. Os irmãos se ressentiam por ele ser o favorito do pai. Fingiam que preferiam viver na moradia principal. Com o passar do tempo, Ismail cercou a casa com um muro de barro e pedras para ter privacidade, como era apropriado a uma verdadeira casa afegã.

Ismail levou a ansiosa noiva para a nova casa, que era rodeada por um pequeno pedaço de terras vizinho ao de seu irmão. De pé do lado de fora, Shafiq observava a família do marido entrando e saindo de casa; suas burcas eram pontos azuis em meio à paisagem cáqui. Quando as mulheres iam em sua direção, ela corria para dentro e se cobria, envergonhada por sua barriga estar inchada pela gravidez. Mas a sogra e as cunhadas a achavam maçante e tímida e, com o tempo, passaram a se interessar cada vez menos por ela e por seus filhos. Elas suspiravam fundo enquanto falavam com Shafiq e sussurravam comentários maldosos para seu marido quando ela não estava por perto. Se o pai de Shekiba fosse como a maioria dos outros homens, teria dado ouvido àquelas sugestões e tomado uma segunda esposa. Mas Ismail Bardari era diferente dos outros homens e manteve a única esposa que tinha, independentemente do que a mãe e as irmãs achavam dela.

Os irmãos de Shekiba, Tariq e Munis, eram o único elo real da família com o clã. Shafiq cuidava de Shekiba e de sua irmã mais nova, Aqela, apelidada de “Bulbul”, porque sua voz suave e melódica lembrava a Ismail o pássaro canoro local. Tariq e Munis transitavam normalmente entre a casa do pai e a do avô, levando roupas, legumes, verduras e notícias. Os meninos eram queridos pelos avós e valorizados como herdeiros. A mãe de Ismail, Bobo Shahgul, costumava dizer que os garotos eram a única coisa boa produzida por Shafiq. Os dois ouviam muitos comentários desagradáveis, mas sabiam que não deveriam compartilhar tudo que ouviam. Shekiba e Aqela não percebiam que a família do pai dava pouca importância a elas, já que passavam os dias perto da mãe. Às vezes, até perto demais.

Aos 2 anos, uma desastrada Shekiba mudou a própria vida em um piscar de olhos. Ela acordou de um cochilo no meio da manhã e foi ao encontro da mãe. Ouviu os sons familiares de alguém descascando legumes na cozinha e tropeçou no fogão. Seu pequeno pé ficou preso na bainha do vestido e ela se desequilibrou, derrubando uma panela de óleo quente com o braço antes que a mãe conseguisse alcançá-la. O óleo se derramou e derreteu o lado esquerdo do rosto de querubim de Shekiba, transformando-o em um monte de carne viva coberta de bolhas.

Shafiq gritou e jogou água fria no rosto da filha, mas era tarde demais. O ferimento levou meses para cicatrizar. Shafiq se esforçava para manter o rosto de Shekiba limpo, usando um composto que o alquimista

local havia preparado para ela. A dor piorava à medida que a pele lutava para se recuperar. A coceira levava Shekiba à loucura, e a mãe foi forçada a enrolar as mãos da menina com um pano, principalmente quando removia a pele morta e enegrecida. Ela passou por vários períodos febris, tão severos que faziam o corpo da criança tremer e se contorcer. Shafiqah não tinha nada a oferecer, não havia nada que pudesse fazer além de rezar ao lado da filha, o corpo balançando para a frente e para trás, implorando a Alá por misericórdia.

Quando soube do incidente, Bobo Shahgul foi ver Shekiba. Shafiqah esperou ansiosa para ouvir qualquer conselho útil que ela pudesse oferecer, mas a sogra não tinha nenhum. Antes de partir, ainda sugeriu que Shafiqah deveria prestar mais atenção aos filhos e murmurou um agradecimento por aquilo não ter acontecido com um dos meninos.

A sobrevivência de Shekiba foi nada menos que um milagre, outro presente de Alá. Embora seu rosto tivesse sarado, ela não era mais a mesma. Desse dia em diante, Shekiba ficou dividida ao meio. Quando sorria, apenas metade do rosto sorria. Quando chorava, apenas metade do rosto chorava. Mas a pior parte foi a mudança na expressão das pessoas. As que viam seu perfil direito abriam um sorriso, mas, quando sua visão alcançava o outro lado, além do nariz, o rosto delas também mudava. Cada reação lembrava a Shekiba que ela era feia, um horror. Alguns recuavam e cobriam a boca aberta com a mão. Outros ousavam se aproximar e estreitavam os olhos para ver melhor. Do outro lado da rua, estranhos paravam e apontavam.

*Ali. Você viu? Lá vai a menina com metade do rosto. Eu não disse que ela era horrível? Só Alá sabe o que eles fizeram para merecer isso.*

Até as tias e os tios balançavam a cabeça e soltavam um muxoxo toda vez que a viam, como se estivessem mais uma vez desapontados e chocados com sua aparência. Os primos inventaram apelidos cruéis para ela: “cara de *shola*”, porque sua pele lembrava o arroz mole e grumoso; “*babaloo*”, ou monstro, que ela odiava mais do que todos os outros, já que também tinha medo da criatura que assustava todas as crianças afegãs no meio da noite.

Shafiqah tentava protegê-la dos comentários, das zombarias, dos olhares, mas era tarde demais para salvar a autoestima de Shekiba, uma mercadoria que as pessoas não valorizavam muito de qualquer maneira. Ela cobria a filha com uma burca quando via alguém se aproximando de sua casa ou nas raras ocasiões em que a família ia até a aldeia.

*Lembre-se, Shekiba significa “presente”. Você é o nosso presente, minha filha. Não deve permitir que os outros fiquem olhando feito tolos para você.*

Shekiba sabia que estava horrivelmente desfigurada e que tinha sorte de ser aceita pelos familiares mais próximos. No verão, a burca era quente e abafada, porém se sentia mais segura debaixo dela, mais protegida. Não era exatamente feliz, mas ficava satisfeita por permanecer dentro de casa, longe dos olhares curiosos. Dessa forma, passava o dia sem ter que ouvir tantos insultos. Seus pais se afastaram ainda mais do clã e o ressentimento em relação ao caráter reservado de Shafiq cresceu.

Tariq e Munis eram cheios de vida e, como tinham apenas um ano de diferença, pareciam gêmeos. Aos 8 e 9 anos, já ajudavam o pai na lida do campo e se encarregavam de pequenas tarefas na vila. Em geral, ignoravam os comentários sobre sua “irmã amaldiçoada”, mas Tariq era conhecido por retribuir os insultos de vez em quando. Em uma ocasião, Munis chegou em casa com hematomas pelo corpo e um péssimo humor. Havia aguentado mais do que era capaz de suportar dos garotos locais, que implicavam com ele por causa da irmã de meio rosto. Padar-jan foi à casa do menino para se desculpar com os pais, mas nunca repreendeu Tariq ou Munis por defenderem Shekiba.

Aqela, sempre sorridente, entoava canções de ninar com sua voz doce de *bulbul* e mantinha leve o espírito da mãe e de Shekiba enquanto elas cumpriam suas obrigações. Elas eram felizes em seu mundo. Não tinham muitas posses, mas tinham tudo de que precisavam e nunca se sentiam solitárias.

Em 1903, uma epidemia de cólera arrasou o Afeganistão. Crianças se desidratavam em questão de horas e sucumbiam nos braços débeis de suas mães. A família de Shekiba não tinha escolha a não ser usar a água envenenada que corria pela aldeia. Primeiro Munis, depois os outros. A doença veio depressa e com toda a força. O cheiro era insuportável. Shekiba ficou atordoada. Viu os irmãos empalidecerem e emagrecerem em poucos dias. Aqela se calou, suas canções reduzidas a um gemido suave. Shafiq estava desesperada e Ismail balançava a cabeça em silêncio. Chegaram notícias de que duas crianças tinham morrido na vila do clã, uma de cada um dos tios de Shekiba.

Shekiba e os pais esperaram que a própria barriga começasse a doer. Cuidavam nervosamente dos outros e se observavam, esperando des-

cobrir quem mais ficaria doente. Shekiba viu o pai passar os braços em torno dos ombros da esposa enquanto ela se balançava e rezava. A pele de Aqela ia ficando cinza, os olhos de Tariq estavam fundos. Munis se mantinha imóvel.

Aos 13 anos, Shekiba ajudou os pais a lavar e envolver os corpos de Tariq, Munis e Aqela em panos brancos, o traje tradicional dos mortos. Ela soluçava baixinho, sabendo que seria assombrada pela lembrança de ajudar o pai choroso a cavar as sepulturas de seus irmãos adolescentes e da delicada caçula, que acabara de completar 10 anos. Shekiba e seus pais estavam entre os sobreviventes.

Pela primeira vez em anos, o clã foi até a casa deles. Shekiba viu os tios e suas esposas entrarem e saírem da casa, prestando o respeito obrigatório antes de passar ao próximo lar enlutado. Sentiam pena dos pais de Shekiba, não tanto pela perda de três filhos, mas pela decepção por Alá não ter poupado um dos meninos em vez da garota defeituosa. Felizmente, Shekiba àquela altura estava entorpecida.

Milhares de pessoas morreram naquele ano. As perdas de sua família apenas se somaram aos números da epidemia.

Uma semana depois de seus três filhos serem enterrados, Shafiq começou a sussurrar para si mesma quando ninguém estava olhando. Ela pedia a Tariq que a ajudasse com os baldes de água. Advertia a Munis que precisava comer toda a comida do prato para crescer e ficar alto como o irmão. Seus dedos se moviam pelos fios da manta como se fizesse uma trança em Aqela.

Então passou a ficar sentada, arrancando os fios de cabelo da cabeça, um a um, até o couro cabeludo ficar nu, as sobrancelhas e os cílios desaparecerem. Sem mais fios para arrancar, passou à pele dos braços e pernas. Comia, mas se engasgava com pedaços que se esquecia de mastigar. Seus sussurros se tornaram mais altos e Shekiba e o pai fingiram não perceber. Às vezes, ela parava para ouvir algo e ria com uma alegria estranha àquela casa. Aos poucos, Shekiba se tornou mãe de sua mãe, certificando-se de que ela tomasse banho e lembrando-a de que deveria dormir à noite.

Um ano depois, no mesmo mês sombrio de Qows, a debilitada Shafiq decidiu não acordar. Não foi nenhuma surpresa.

Ismail segurou as mãos da esposa e pensou em como elas deviam estar cansadas de tanto serem torcidas. Shekiba aproximou o rosto da face da mãe e percebeu que os olhos dela haviam perdido aquele vazio desespe-

rado. *Madar-jan deve ter morrido fitando o rosto de Deus*, pensou Shekiba. Nada mais poderia ter lhe trazido aquele olhar de paz tão depressa.

A casa suspirou de alívio. Shekiba banhou a mãe uma última vez, tendo o cuidado de lavar sua cabeça calva e percebendo que ela havia arrancado até mesmo os pelos de suas partes íntimas. O peso da tristeza desaparecera, o cadáver era surpreendentemente leve.

No dia seguinte, Shekiba e o pai estavam de volta ao campo para arar a terra mais uma vez. Não se deram ao trabalho de avisar ao restante da família. O pai leu uma oração sobre o monte de terra e eles se entreolharam, perguntando-se em silêncio qual deles iria se juntar aos outros primeiro.

Shekiba ficou com o pai. Um primo passou por lá para informá-los de um casamento próximo e levou ao clã notícias sobre o recém-viúvo. Os abutres desceram sobre a casa poucos dias depois para oferecer condolências, mas não sem antes aconselhar o pai de Shekiba a aproveitar a oportunidade de recomeçar, com uma nova esposa. Citaram algumas famílias com filhas prontas para casar na aldeia, a maioria apenas alguns anos mais velhas do que Shekiba, mas Ismail estava tão inconsolável e esgotado que os parentes não tiveram êxito.

Shekiba cresceu tendo apenas o pai a quem recorrer, com suas palavras esparsas e seus olhos solitários. Ela trabalhava ao lado dele dia e noite e, quanto mais o fazia, mais fácil era para ele se esquecer de que ela era uma menina. Ismail começou a pensar nela como um filho, às vezes até mesmo se enganando e chamando-a pelo nome dos irmãos. A aldeia fazia comentários sobre eles. Como era possível um pai e uma filha viverem sozinhos? A piedade deu lugar a críticas e Ismail e Shekiba se isolaram ainda mais do mundo exterior. O clã não queria ser associado a eles e a aldeia tinha ainda menos interesse em um velho devastado e sua filha-filho mais devastada ainda.

Com o passar dos anos, Ismail se convenceu de que sempre vivera sem esposa e de que sempre tivera apenas um filho. Conseguia fazer isso ao ignorar todo o resto. Era o único que não via o rosto desfigurado de Shekiba e não percebia que, como uma jovem mulher, ela talvez precisasse das orientações de outra mulher. Quando ela sangrava a cada mês, ele fingia não sentir o cheiro dos trapos sujos que a filha deixava de molho, escondidos atrás de uma pilha de lenha cortada na casa de dois cômodos. E, quando a ouvia chorar, dava de ombros e dizia a si mesmo que as fungadas se deviam a uma gripe.

Ismail a levava para o campo, para ajudá-lo a cuidar de seu pequeno pedaço de terra. Ela arava, abatia animais e cortava lenha, como qualquer filho vigoroso faria pelo pai. Permitiu que ele continuasse a acreditar que a vida tinha sido sempre assim, pai e filho. Shekiba demonstrou ter força, corroborando a confiança paterna em sua capacidade de gerir a propriedade. Seus braços e ombros ficaram musculosos.

Anos se passaram. As feições de Shekiba se tornaram mais rudes, as palmas das mãos e as plantas dos pés ficaram grossas e caledadas. A cada dia, as costas de Ismail se encurvavam mais, seus olhos enxergavam menos e suas necessidades cresciam. Havia dias em que Shekiba precisava se encarregar sozinha de todas as tarefas.

Se ela fosse qualquer outra garota, provavelmente teria se sentido solitária nessa vida isolada, mas suas circunstâncias eram diferentes. As crianças nas proximidades sempre apontavam e caçoavam dela, e os pais faziam o mesmo. Sua aparência era chocante em todos os lugares, exceto em casa.

As pessoas que são atingidas pela tragédia uma, duas vezes, estão fadadas a sofrer outra vez. O destino acha mais fácil refazer o próprio caminho. Ismail foi enfraquecendo, sua voz ficando mais áspera, a respiração, mais superficial. Um dia, quando Shekiba o observava do muro de pedra e barro, ele levou as mãos ao peito, deu dois passos e caiu no chão, segurando uma foice.

Shekiba tinha apenas 18 anos, mas sabia o que fazer. Usando um pano grande, arrastou o corpo do pai para dentro de casa, parando várias vezes para segurar o tecido melhor e enxugar as lágrimas que escorriam pelo lado direito do rosto. O lado esquerdo permaneceu impassível.

Colocou o cadáver na sala e se sentou ao lado, repetindo os quatro ou cinco versos do Corão que os pais lhe haviam ensinado, até o sol nascer. Ao amanhecer, deu início à cerimônia que realizara vezes demais em sua curta vida. Despiu Ismail, tomando cuidado para manter suas partes íntimas cobertas por um pano. O ritual de lavagem deveria ter sido realizado por um homem, mas Shekiba não tinha ninguém a quem recorrer. Preferia despertar a ira de Alá a recorrer àquelas pessoas abomináveis.

Banhou o corpo rígido do pai, afastando o olhar enquanto derramava água sobre suas partes íntimas, e o envolveu em um pano, como ela e a mãe haviam feito com a irmã. Arrastou-o para fora e cavou a terra uma última vez para concluir o sepultamento de sua família. Shekiba mordeu o lábio



e se perguntou se deveria cavar mais uma cova para si, pois não haveria ninguém para executar o serviço quando chegasse sua hora. Cansada demais para fazer qualquer outra coisa, proferiu algumas preces e viu o pai desaparecer sob torrões de terra – desaparecer como sua irmã, seus irmãos e sua mãe.

Caminhou de volta para a casa vazia e ficou sentada em silêncio, com medo, com raiva, mas calma.

Shekiba estava sozinha.